

GUIA INTERPRETATIVO

TRILHA

CASSINO - BARRA DO CHUÍ



TRILHA
CASSINO
BARRA DO CHUÍ

DISTÂNCIA
223 Km

DURAÇÃO
6/9 DIAS

ALTITUDE
NÍVEL DO MAR



Rede Brasileiras de
Trilhas de Longo Curso

GUIA INTERPRETATIVO TRILHA CASSINO-BARRA DO CHUÍ

O Guia Interpretativo Trilha Cassino-Barra do Chuí foi pensado como um material de apoio na preparação e organização daqueles que visam percorrer o trajeto da orla marítima que se estende dos Molhes da Barra do Rio Grande, na Praia do Cassino, município de Rio Grande, aos Molhes da Barra do Chuí, na Praia da Barra do Chuí, município de Santa Vitória do Palmar, ambos municípios do estado do Rio Grande do Sul, extremo sul do Brasil. Este guia é um instrumento de informação e de conhecimento sobre aspectos importantes a serem levados em conta na hora de empreender a trilha. Também é um veículo de comunicação que, orientado pela Teoria Interpretativa de Freeman Tilden (1957), busca acrescentar valor à experiência da trilha por meio de informações sobre as características naturais, materiais e imateriais da região e melhorar a compreensão e apreciação do local fornecendo orientações práticas, recomendações e dicas de preparação para percorrer a Trilha, de grande importância para o caminhante. Além disso, propõe-se a orientar sobre a preservação e manutenção dos recursos naturais e socioambientais e fornecer informações que realçam a história e as características culturais e ambientais do percurso Cassino-Barra do Chuí.

Neste sentido, contempla os princípios da teoria interpretativa ao revelar significados, provocar emoções, estimular a curiosidade, inspirar novas atitudes, proporcionar uma experiência inesquecível com qualidade, segurança e consciência ambiental durante a realização do percurso.

Foi idealizado e estruturado de forma voluntária, por um Grupo de Trabalho Multidisciplinar que resultou no Projeto de Demarcação da Trilha Cassino- Barra do Chuí. Seguindo a metodologia de demarcação e preparação de trilhas da Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso (RB TLC). A metodologia da RB TLC tem por princípio três pilares básicos e igualmente importantes: conservação, recreação e saúde, e geração de emprego e renda. A Rede Brasileira de Trilhas caracteriza-se por ser uma política nacional de criação de infraestrutura de trilhas para o desenvolvimento sustentável do Brasil. E a Trilha Cassino- Barra do Chuí caracteriza-se como uma das trilhas regionais que compõem o sistema Rede Trilhas, integrando-se ao projeto nacional de Implementação da Trilha de Longo Curso do Oiapoque à Barra do Chuí. Neste guia, você encontrará dicas práticas, úteis e necessárias para realizar a trilha; informações sobre biodiversidade, faróis, paleontologia, naufrágios; aspectos socioculturais, históricos e turísticos deste trecho do litoral do extremo Sul do Brasil. Esse material permite a imersão neste cenário de beleza única, despertando o imaginário e auxiliando na preparação física e mental necessária para desfrutar do percurso da Trilha Cassino-Barra do Chuí.



UMA ÓTIMA LEITURA, OU MELHOR, UMA ÓTIMA CAMINHADA!

Angelice Raquel Motter Manzino

angelice.motter@gmail.com

Aluna do Bacharelado em Turismo e membro do grupo PET Turismo da FURG.

Fernando Pereira de Souza Neto

caminhodosfaroisrs@gmail.com

Empresário do setor de Turismo - Caminho dos Faróis.

Jamil Corrêa Pereira

jamilpereira2168@gmail.com

Biólogo, Museu Coronel Tancredo Fernandes de Mello.

Janaína Czolpinski

janaina.czolpinski@gmail.com

Artes Visuais, Especialização em Fotografia, Educação Ambiental,

Empresária do setor de Turismo Caminho dos Faróis.

João Pedro Barbosa Alvarinho

jbalvarinho15@gmail.com

Mestrando em História - PPGH FURG, Turismólogo, Eventólogo.

José Truda Palazzo Jr.

jose.truda@baleiajubarte.org.br

Coordenador de Desenvolvimento Institucional do Instituto Baleia Jubarte.

Juliana Niehues Gonçalves de Lima

julianalimafurg@gmail.com

Turismóloga, Mestre em Turismo, docente do curso de Bacharelado em Turismo da FURG

Representante do Conselho Municipal de Turismo de Rio Grande e do

Conselho Municipal de Turismo de Santa Vitória do Palmar.

Ligia Dalchiavon

ligiadalchiavon@gmail.com

Turismóloga, Docente do curso de Bacharelado em Turismo e

tutora do grupo PET Turismo da FURG.

Nilton César Cunha Varnier

nilturis@gmail.com

Turismólogo, representante do Conselho Municipal de Turismo de Santa Vitória do Palmar.

Raphaella Costa Rodrigues

raphaellacosta.furg@gmail.com

Turismóloga, representante do Conselho Municipal de Turismo de Santa Vitória do Palmar

e empresária do setor de Turismo- Costa Sur Turismo

Renato Wanke de Melo

renatowmail@gmail.com

Engenheiro e Guia de Turismo

Ronaldo Costa

ronaldo.costa@icmbio.gov.br

Analista Ambiental do ICMBio, responsável pela Base Avançada do Centro Nacional de Conservação e

Pesquisa da Biodiversidade Marinha do Sudeste e Sul (CEPSUL) no Rio Grande do Sul.

Sebastián Diano

ecoforest1@hotmail.com

Técnico em Silvicultura, Turismólogo, Gestor Ambiental, empreendedor imobiliário,

sócio da ECOTUR - Turismo Sustentável,

Diretor da ONG Instituto Litoral Sul, ECOMUSEU do Balneário Hermenegildo.

Thalissa Pessini Barcelos

thalissabarcelos@hotmail.com

Turismóloga e Designer Gráfico.

EQUIPE DE TRABALHO

FOTOGRAFIAS

Fernando Souza

Janaína Czulpinski

Luísa Teixeira Catarino

luisacatarino@gmail.com

Tecnóloga em Eventos

Fiscal do Meio Ambiente na Prefeitura Municipal de Santa Vitória do Palmar.

Renato Wanke de Melo

Sebastián Diano

Carlos Eduardo Soares

Marta J. Cremer

COLABORAÇÃO

Renato Pereira Lopes

camposneutrais2021@gmail.com

Geógrafo

ONG Litoral Sul

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Curso de Bacharelado em Turismo – FURG

Programa de Educação Tutorial- PET TURISMO

Museu de Paleontologia Coronel Tancredo Fernandes de Mello

Caminho dos Faróis

CostaSur- Turismo Receptivo

ICMBio

Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso

Estação Ecológica do Taim

CEPSUL

TRADUÇÃO

João Pedro Barbosa Alvarinho

Ligia Dalchiavon

Ronaldo Costa

EDIÇÃO

Angelice Raquel Motter Manzino

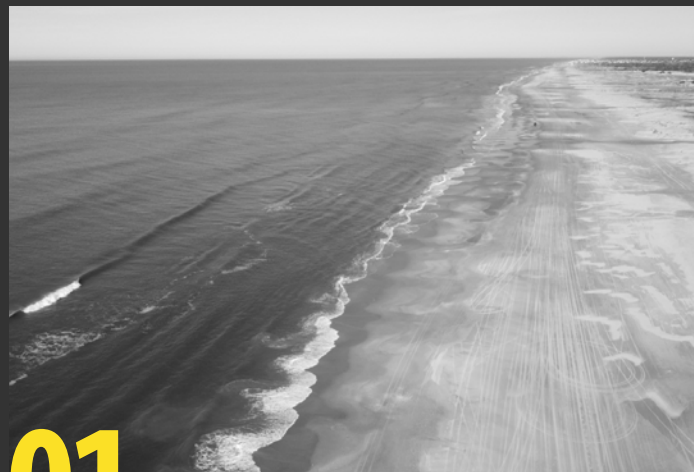
João Pedro Barbosa Alvarinho

Ligia Dalchiavon

Raphella Costa Rodrigues

EDIÇÃO FINAL

Thalissa Pessini Barcelos



01

Conheça a Travessia

Mapa
Sinalização da Trilha



02

Recomendações

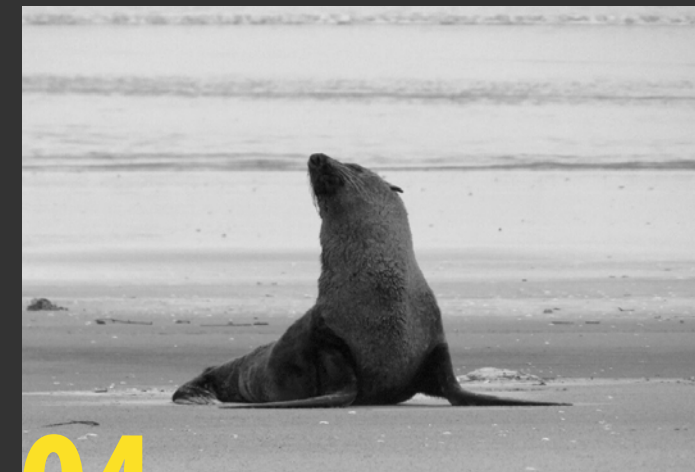
Recomendações essenciais para que realize uma boa caminhada.



03

Observações que salvam vidas

Algumas dicas importantes para garantir sua sobrevivência.



04

Biodiversidade

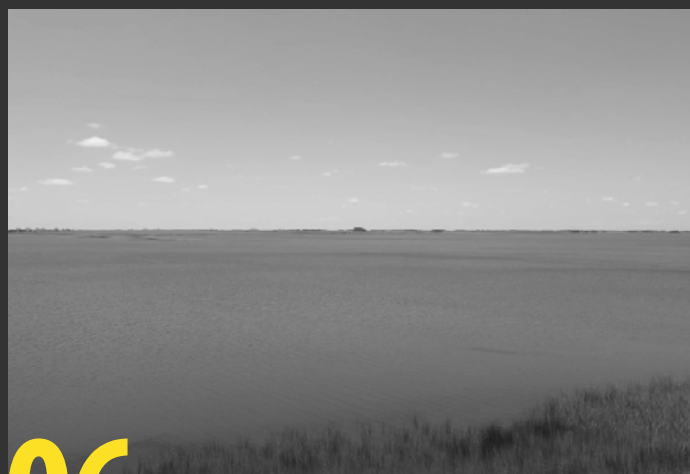
Recomendaçãoencontre



05

Estação Ecológica do TAIM

Conheça a Unidade de Conservação ESEC TAIM e toda biodiversidade que nela é protegida.



06

Lagoa Mangueira

Compõe o sistema hidrico do TAIM e abriga importantes espécies.



07

Paleontologia

Descubra a riqueza paleontológica escondida nos solos da região.

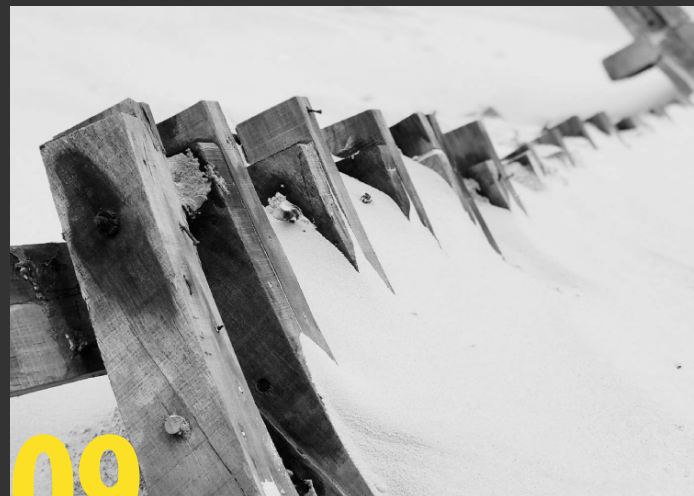


08

Faróis da Travessia

Farol Verga
Farol Sarita
Farol do Albardão
Farol da Barra do Chuí

SUMÁRIO



09

Naufraágios

Navio Altair
Prince of Wales
Expedição de Martim Afonso
de Souza



10

Hotéis Abandonados

Ruínas do Hotel El Aduar
Ruínas do Hotel Fronteira Aberta



11

Aspectos Socioculturais

Balneários
Campos Neutrais
Mergulhão
Papa-areia
Gaúcho do Pampa Costeiro

Maré Vermelha
O lugar onde se formam os ventos
Os astros e suas histórias
Transporte público intermunicipal
via costa atlântica



12

A fronteira litoranea entre Brasil e Uruguai



13

Instituições

ONG-Instituto Litoral Sul

CONHEÇA A TRILHA



Foto Janaina Czulpinski

Localização

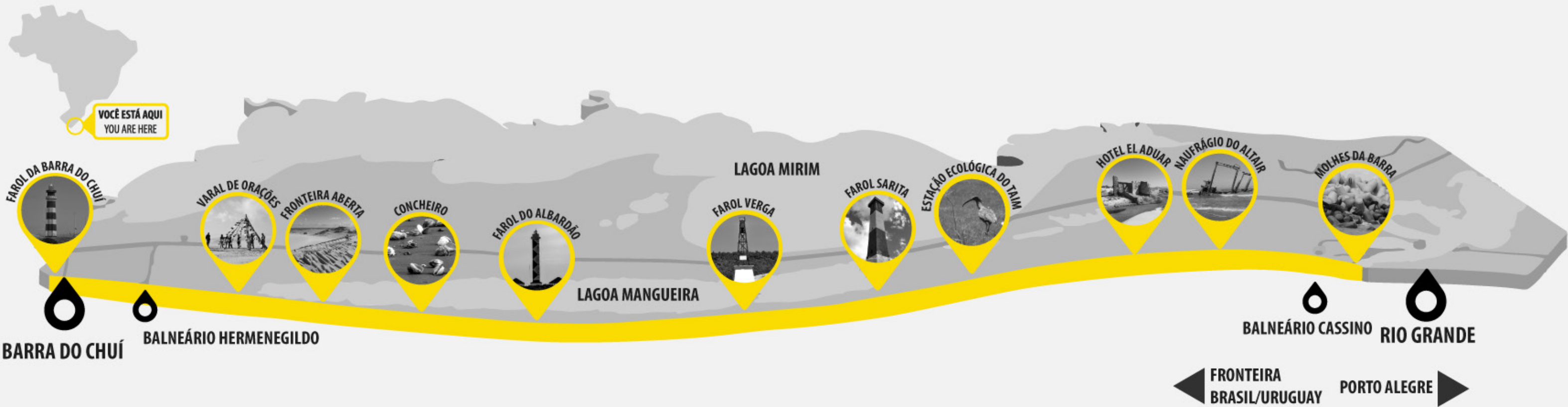
A Trilha Cassino-Barra do Chuí está localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul, Brasil, com 223 km de faixa de areia ininterruptos de extensão litorânea. Ela se estende dos molhes da Barra do Rio Grande, Praia do Cassino, na cidade do Rio Grande, aos molhes da Barra do Chuí, Praia da Barra do Chuí, na cidade de Santa Vitória do Palmar, fronteira entre Brasil e Uruguai. O percurso de paisagens autênticas, panorâmicas, predominantemente naturais e selvagens é reflexo da grandiosidade do Oceano Atlântico e linha costeira litorânea através das planícies costeiras do pampa gaúcho. Um trecho da trilha passa pela faixa litorânea da Estação Ecológica do Taim e próxima a Lagoa Mangueira, o que a torna ainda mais viva e exuberante.

A trilha da região costeira do extremo sul do Brasil se realiza em meio a uma faixa de areia clara, por vezes, coberta de conchas, formando os renomados “Concheiros”. Somado a isso, a presença observável de fauna nativa e migratória de aves, leões e lobos marinhos destacam a singularidade desta paisagem. Há notáveis fenômenos naturais que irão surpreender durante o percurso como alguns exemplos estão a bioluminescência, que são ondas brilhosas na coloração azul neon, causadas por organismos marinhos. O nascer e o pôr do sol. As geadas, dependendo da época do ano. As estrelas e as constelações. No percurso, também é possível encontrar resquícios da história geológica e humana, seja pela incidência de fósseis, pelas ruínas de hotéis ou pelos naufrágios. Também, pelos faróis, olhares imponentes que orientem navegantes e que pela sua quantidade são símbolos da Trilha da Rota dos Faróis.

Caminhar por essas areias é entrar em um cenário a céu aberto, palco para filmes e documentários, lugar de histórias de piratas, pescadores e faróis, dos gaúchos e suas cavalgadas e caminhadas, da maré vermelha, do inóspito litoral selvagem, de seus habitantes e de seus balneários.

A trilha costuma ser iniciada no sentido norte - sul (Cassino- Barra do Chuí), tem uma duração média de sete dias de caminhada. Marcada pelas seguintes coordenadas geográficas, 32°09'40.91"S 52°05'52.33"O, Balneário Cassino, Rio Grande, Rio Grande do Sul e 33°44'36.51"S 53°22'12.51"O, Balneário Barra do Chuí, Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul.

A Trilha pode ser realizada a pé, através de cavalgada ou pela prática do ciclismo, de forma individual ou coletiva. Mas vale lembrar que essa é uma das Trilhas mais difíceis do Brasil, que apesar de ser tecnicamente fácil e de simples orientação, exige esforço intenso, apresenta risco bastante severo, neste sentido é recomendado um excelente planejamento e preparação. A faixa litorânea da Trilha conta com sinalização do início ao fim com indicação de duas placas de cabeceira, uma nos Molhes da Barra do Rio Grande e a outra nos Moles da Barra do Chuí. Também, possui placas interpretativas em pontos de interesse, além de postes de sinalização para distâncias percorridas e locais sugeridos para acampamento.



MAPA DA TRILHA



MAPA DO RIO GRANDE DO SUL



Trilha no sentido Norte-Sul
South-North Trail

Distância percorrida no sentido Norte-Sul
Travelled distance South-North

Ao longo da trilha você encontrará placas interpretativas para maior conhecimento da região.



Trilha no sentido Sul-Norte
North-South Trail

Distância percorrida no sentido Sul-Norte
Travelled distance North-South

Aproximadamente a cada 32Km você encontrará um poste sugerindo local de acampamento.

ADOTE PRICÍPIOS DE MÍNIMO IMPACTO



PROIBIDO FOGUEIRAS NAS ÁREAS DE FLORESTAS/ PINUS
DO NOT MAKE FIRES IN FOREST / PINUS AREAS



TRAGA SEU LIXO DE VOLTA
BRING YOUR TRASH BACK



ACAMPE NOS LOCAIS SUGERIDOS
CAMP IN SUGGESTED PLACES



PROIBIDO ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO
NO PETS

ATENÇÃO



PREFIRA CAMINHAR ACOMPANHADO
PREFER TO WALK ACCOMPANTED



ANIMAIS SELVAGENS
WILD ANIMALS



SEM SINAL PARA DISPOSITIVO MÓVEL
NO SIGNAL FOR MOBILE DEVICE



SEM SAÍDA ALTERNATIVA
NO ALTERNATIVE EXIT



SEM ÁGUA TRATADA
NO SAFE DRINKING WATER



RISCO DE RAIOS
LIGHTNING RISK



SEM AJUDA MÉDICA
NO MEDICAL ASSISTANCE



PONTO DE INTERESSE
POINT OF INTEREST

CLASSIFICAÇÃO DA TRILHA



RISCO BASTANTE SEVERO
VERY SEVERE RISK



AREIA E ARROIOS
SAND AND STREAMS



ESFORÇO INTENSO
INTENSE EFFORT



FÁCIL ORIENTAÇÃO
EASY ORIENTATION

SINALIZAÇÃO

RECOMENDAÇÕES

Foto Janaína Czołpinski

Recomendações

Para realizar a Trilha, você precisa estar preparado fisicamente e mentalmente, devido ao alto nível de dificuldades para a sua conclusão. Apesar de ser uma trilha tecnicamente fácil, devido a sua extensão e a ausência de estruturas de apoio ao longo do percurso, a torna uma trilha de esforço intenso e risco bastante severo, que de acordo com a classificação na norma da ABNT NBR 15505-2.

O percurso caminhando costuma ser feito em média em sete dias, no sentido norte-sul. Pensando nesta média de dias, diariamente se percorres aproximadamente a cada 32km ou 34km. Com este intervalo de distância foram colocados Postes de Sinalização, identificados pelas pegadas em preto e amarelo, que informam a distância percorrida e que ainda falta percorrer. Estes Postes também indicam as áreas sugeridas para montagem de bons acampamentos e pernoite. Caso seu ritmo fuja desta média desconsidere esta marcação.

Uma vez iniciada a trilha, não há saídas alternativas. Para abandonar a empreitada, será preciso ter contratado antes um resgate, ou contar com a sorte de encontrar alguém que esteja de passagem pela costa. Não é recomendado pedir ajuda para os veículos que passam a noite ou de madrugada.

Durante toda o percurso não há qualquer estrutura básica como banheiro, bebedouros, povoados ou pontos de apoio ao caminhante, com exceção no Farol do Albardão, onde há uma base da Marinha e a presença de faroleiros.

Lembre-se sempre que o único ponto que pode ter sinal de telefone celular é no hotel abandonado. Em 2021, a operadora “Vivo” é a única que pode ter sinal neste local, considere a possibilidade de locar um telefone celular via satélite.

Planeje seu deslocamento até o início da Trilha e também o seu retorno, ao terminar o percurso. Pesquise com antecedência qual será sua cidade de partida e a de destino, pois os horários dos ônibus costumam ser restritos e caso precise passar a noite em um hotel ou pousada é recomendado reservar com antecedência.

Caso utilize transporte particular ou fretado, a previsão de chegada e retorno também é importante para que esteja a disposição do caminhante ao final da travessia visto não haver sistema de transporte nas cabeceiras da Trilha.

Avise sempre um familiar ao empreender a Trilha e informe a ele sobre os riscos e sobre a previsão de retorno, em casos de eventuais buscas ou prestação de ajuda estas informações são muito úteis.

Devido as peculiaridades da Trilha, um ótimo planejamento é essencial. Para ajudar, preparamos algumas dicas:

- 01 | Caso não tenha prática em longas caminhadas, estude e aprenda sobre a regulação de mochilas, uso de bastões de caminhadas, noções básicas de primeiros socorros, tratamento de bolhas, e demais itens que possam ser importantes para sua sobrevivência. Uma mochila muito pesada pode ser um transtorno durante o percurso e exigir mais fisicamente do caminhante.
- 02 | Seja qual for sua opção de calçados para trilha, tênis ou botas, tenha um plano B. Os calçados costumam molhar ou incomodar, uma excelente opção de plano B, são as sandálias tipo “papete”.
- 03 | Devido aos acampamentos serem à beira mar e nas areias, e com possibilidade de ventos forte, é recomendado levar pelo menos 3 specks mais longos para fixar sua barraca do lado atingido pelo vento e deixá-la mais protegida.
- 04 | Verifique e salve, em seu celular, a previsão da meteorologia, isto será importante para escolher as melhores datas para a trilha e na melhor posição para montar sua barraca.



05 | Em especial aos que fazem o trajeto de bicicleta, vale a pena escolher a direção em função dos ventos naqueles dias, o sentido mais comum de realizar esta trilha é norte-sul (Cassino- Barra do Chuí), mas é possível realizá-la no sentido inverso.

06 | Entre os meses de maio e agosto tem-se o inverno na região, a temperatura costuma ser mais baixa, com frio mais severo e ventos mais constantes. Além da presença de ressacas do mar, que dificultam e até impossibilitam qualquer resgate visto a diminuição da faixa de areia devido as marés.

07 | O fato de não estar preparado, pode te causar uma hipotermia decorrente da junção do clima frio, mais a incidência do vento. Independente da época da trilha é necessário usar roupas térmicas apropriadas e usar protetor solar durante a caminhada, afinal, não há sombra na beira mar.

08 | Caso encontre animais na areia da praia, como leões e lobos marinhos, pinguins, tartarugas ou outros, mantenha distância e não os incomode, possivelmente estejam descansando ou tomando sol. Caso verifique que o animal precisa de ajuda, você pode encontrar mais informações de como proceder na página.



Observações que salvam vidas

O Farol do Albardão é uma opção de apoio em caso de emergências. Distante 32 km ao sul do Farol do Albardão, no alto da duna próxima ao local onde estão as ruínas do “Hotel abandonado”, nas coordenadas 33°24’57” S, 52°56’44” O; é o local mais provável para obter sinal telefônico. Caso precise chamar por resgate fora destes pontos, afaste-se do mar 1 ou 2 km e suba na duna mais alta, isso pode aumentar a chance de captar sinal telefônico. Outra opção, durante o dia, é pedir ajuda aos veículos que passam na costa. Recomendamos que sempre tenha feito contato prévio, antes de iniciar a Trilha com algum particular que possa auxiliar em emergências.

Indicações de números privados:
Paulo: (53) 9 9957-0059 Base no Cassino
Edimar: (53) 9 9955-5586 Base no Albardão
Rasga: (53) 9 9968-4748 Base em Sta V. do Palmar

Ressaltamos que é importante ligar com antecedência para se informar sobre a disponibilidade e os valores cobrados, pois são moradores da região e podem não estar disponíveis. Leve toda a comida que considerar necessária para os dias de realização da Trilha, o uso mais comum é de enlatados. Como o percurso exige bastante esforço físico, o gasto calórico é muito elevado, assim como a desidratação. Além disso, estude as opções e leve o material necessário para purificar a água dos pequenos riachos que encontrará pelo caminho. Procure começar a cada dia de caminhada portando 3 litros de água. Reabasteça quando tiver utilizado a metade deste volume, esta é uma previsão genérica. O consumo varia conforme o calor e a quantidade de água consumida.

A disponibilidade de água potável, também é variável devido às chuvas nos dias anteriores e/ou durante a caminhada. Isso influencia diretamente na quantidade de água disponível nos arroios. Caso esteja com dificuldade em encontrar água, procure identificar o leito seco dos arroios e caminhar por ele no sentido oeste. Possivelmente encontrará alguma água represada. Jamais faça suas necessidades fisiológicas junto aos arroios. Distancie-se, cave um buraco de aproximadamente 15 cm. Antes de cobrir seus dejetos, jogue um punhado de areia e misture tudo com um pedaço de pau ou galho, cubra e crave ali o galho. Use produtos de higiene biodegradáveis e tome banho distante dos cursos d’água, muitas vezes é a única fonte de água para os animais ou outros caminhantes. Molhe-se nele, ensabo-e-se e enxágue-se fora dele, com auxílio de algum recipiente, como sua panela, por exemplo. Evite fazer fogueiras em todo o percurso da trilha, caso opte por fazer, JAMAIS FAÇA perto das plantações de pinus, apesar da facilidade de folhas e galhos elas são altamente inflamáveis, queimam fácil e geram incêndios descontrolados. Certifique-se que ao sair a fogueira está realmente apagada. Em caso de tempestade de raios, tire do corpo qualquer aparelho elétrico/eletrônico, como celulares e GPS e os guarde na mochila, deixe ela no chão e se afaste. Jamais suba em dunas, não fique próximo de cercas, árvores ou estruturas isoladas na paisagem. Abaixar-se, fazendo do corpo uma “bola com pés” ou sentar-se no chão com os calcanhares junto às nádegas, abraçando os joelhos e esperando a tempestade passar. Por último e não menos importante, faça sua parte, seja responsável, carregue todo o lixo que produzir durante a caminhada e descarte em locais apropriados no final do trajeto.

Saiba mais informações em:
www.defesacivil.pr.gov.br/pagina/prevencao-raios





TONINHA
(*Pontoporia blainvillei*)

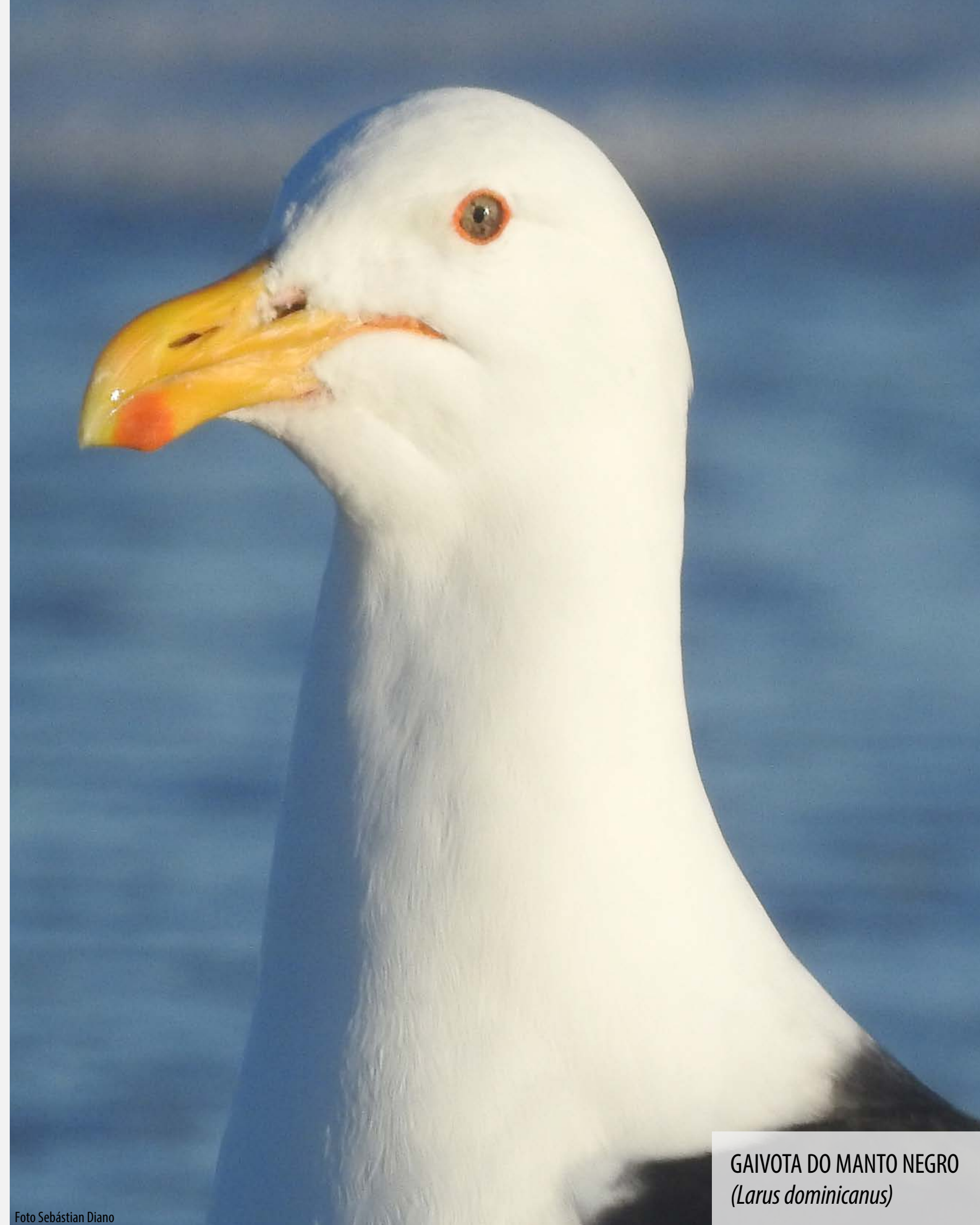
04 | Biodiversidade

O trecho de costa entre o Balneário do Cassino e o Balneário da Barra do Chuí é caracterizado como uma praia oceânica arenosa plana, contínua e ininterrupta, que apresenta uma grande biodiversidade de fauna costeira marinha do Atlântico Sul.

A biodiversidade desta região é principalmente constituída por pequenos invertebrados e grandes vertebrados, incluindo uma grande variedade de insetos, crustáceos, moluscos, anfíbios, répteis, peixes, aves e mamíferos. São centenas de espécies da fauna e flora que habitam nesta região, considerada uma das regiões de maior riqueza marinha do Brasil, incluindo diversas espécies em risco de extinção.

Ao longo da costa é possível observar diversas espécies de aves residentes e migratórias provenientes de distintas regiões, do Hemisfério Sul e Norte, que utilizam esta região como refúgio para alimentação, acasalamento e nidificação. As diferentes espécies de aves migrantes vêm de regiões polares distantes, do Ártico e região Antártica, que viajam anualmente por milhares de quilômetros.

Entre as principais espécies de aves observadas nesta região podemos apresentar: gaivota de manto negro ou gaivotão (*Larus dominicanus*), gaivota maria velha (*Chroicocephalus maculipennis*), piru-piru (*Haematopus palliatus*), batuíra-de-coleira (*Charadrius collaris*), várias espécies de trinta-réis, maçaricos e garças, entre outras.



GAIVOTA DO MANTO NEGRO
(*Larus dominicanus*)



BIGUÁ
(*Nannopterum brasilianus*)



TRINTA-RÉIS-BOREAL
(*Sterna hirundo*)



CARACARÁ
(*Caracara plancus*)



TRINTA-RÉIS-PEQUENO
(*Sternula superciliaris*)



QUERO-QUERO
(*Vanellus chilensis*)



GARÇA
(*Egretta thula*)



PINGUIM-DE-MAGALHÃES
(*Spheniscus magellanicus*)



GAIVOTA DO MANTO NEGRO
(*Larus dominicanus*)



TRINTA-RÉIS-DE-BANDO
(*Thalasseus acuflavidus*)



TRINTA-RÉIS-REAL
(*Thalasseus maximus*)



GAIVOTA DE CAPUZ
(*Chroicocephalus maculipennis*)



TRINTA-RÉIS DE BICO VERMELHO
(*Sterna hirundinacea*)



PERNILONGO DE COSTAS BRANCAS
(*Himantopus melanurus*)



MAÇARICO-DE-PERNA-AMARELA
(*Tringa flavipes*)



PIRU PIRU
(*Haematopus palliatus*)



BATUIRUÇU
(*Pluvialis dominica*)





GAIVOTA-MARIA-VELHA
(*Chroicocephalus maculipennis*)



Os fundos consolidados da região do Albardão, que formam parcéis submersos, são também muito importantes para a reprodução de diversas espécies de tubarões e raias ameaçados de extinção, incluindo o tubarão-martelo (*Sphyrna*), a raia-viola (*Rhina ancylostoma*) e o cação-anjo (*Squatina squatina*).



Ao longo da costa, podem ser observadas distintas espécies de tartarugas marinhas, como a tartaruga verde (*Chelonia mydas*) e a tartaruga cabeçuda (*Caretta caretta*), com avistamento entre os meses da primavera e verão. Ambas as espécies são vulneráveis, e estão ameaçadas de extinção, sendo imprescindíveis a sua conservação e preservação.



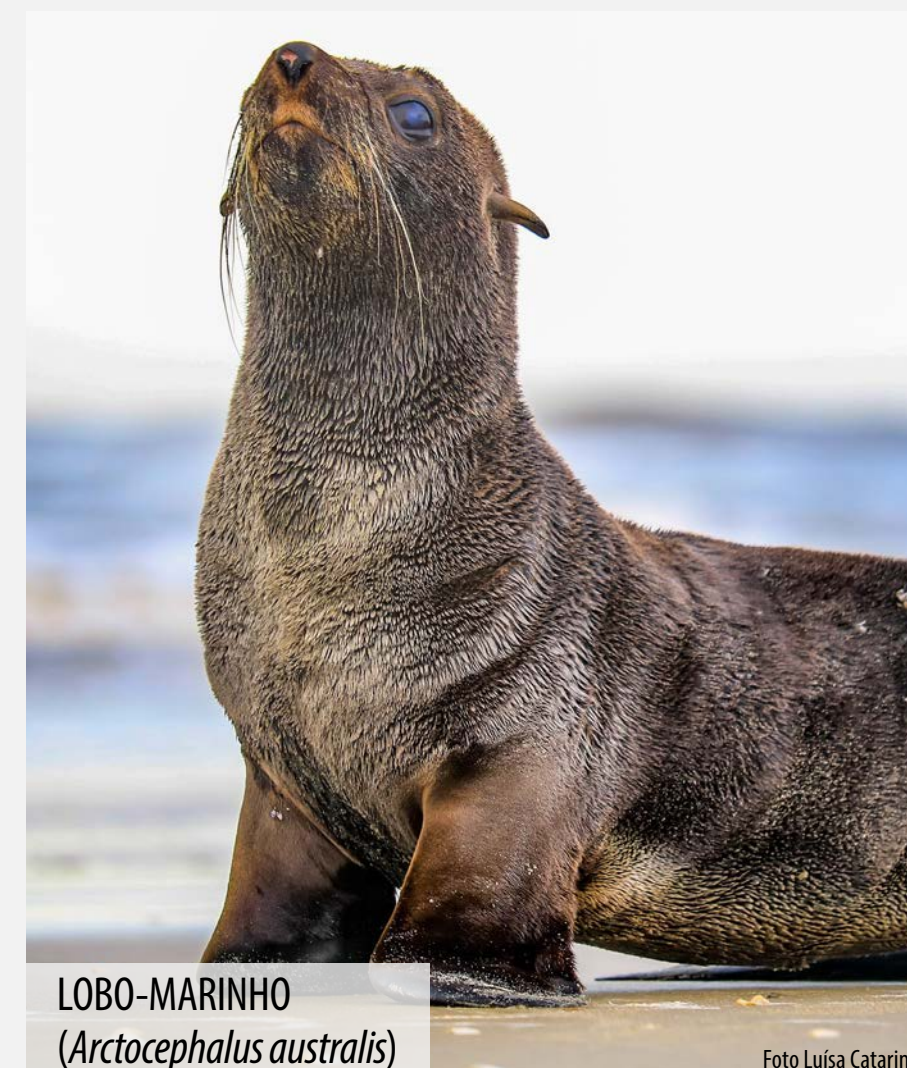
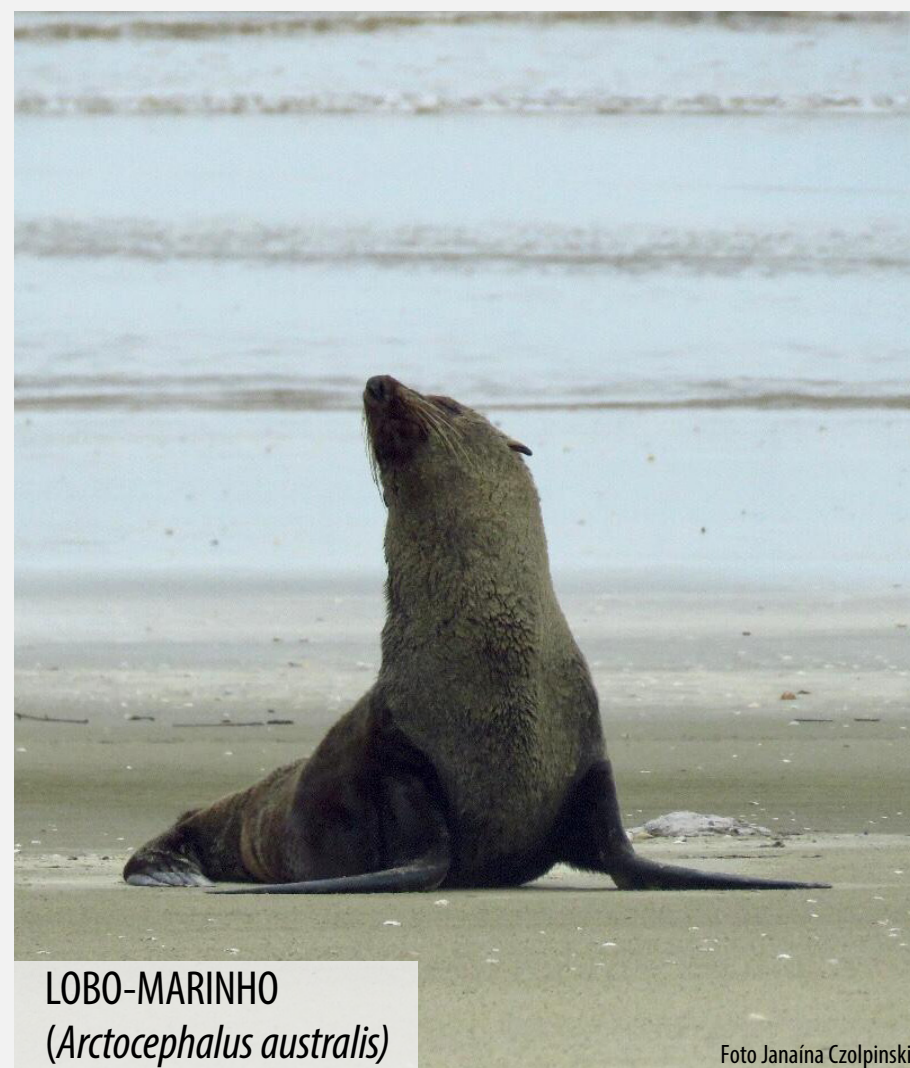
TONINHA
(*Pontoporia blainvillei*)

Com relação aos mamíferos marinhos, este litoral apresenta uma das maiores diversidades de pinípedes (lobos-marinhos, focas e leões-marinhos) e de cetáceos (botos, baleias e golfinhos) de todo o litoral brasileiro. Se destacam em quatro espécies de mamíferos marinhos: leão marinho (*Otária flavescens*), lobo-marinho (*Arctocephalus australis*), toninha (*Pontoporia blainvillei*) e o boto nariz-de-garrafa (*Tursiops truncatus*).

Ao longo da costa, há diversos ecossistemas associados que cumprem um papel imprescindível para as distintas espécies que neles habitam.

Têm alto valor ambiental e destacam o valor paisagístico da ampla produtividade biológica, onde é possível encontrar distintos ambientes que interagem entre si: praias arenosas, cordão de dunas, dunas móveis, brejos, banhados e lagoas. A somatória destes ambientes permite a formação de um habitat único.

Esta região representa uma importante zona de alimentação e reprodução para diferentes espécies costeiras e marinhas, sendo indispensável a conservação e preservação deste importante local para a manutenção da biodiversidade e dos diferentes ecossistemas que interagem entre si.





LOBO-MARINHO
(*Arctocephalus australis*)



Foto Fernando de Souza



Foto Janaína Czolpinski



Foto Janaína Czolpinski

Animais na Beira da Praia

Esta região recebe inúmeros visitantes da fauna costeira marinha que frequentam a faixa da praia, seja em busca de alimentos ou para o descanso. Ainda é possível encontrar animais debilitados, com ferimentos ou com lesões provocadas por ações antrópicas ou de origem natural, neste caso é imprescindível avaliar a situação com total cuidado e atenção. Algumas orientações:

- 01** Não importune o animal;
- 02** Delimite uma área de distância segurança entre você e o animal;
- 03** Evite o contato físico com o animal;
- 04** Evite a captura do animal;
- 05** Evite alimentar o animal;

- 06** Impeça a aproximação de outros animais, como cães;
- 07** Observe se o animal apresenta algum ferimento;
- 08** Veja se algum objeto está dificultando a sua locomoção;
- 09** Se possível, identifique o local, quilometragem e algum ponto de referência;

Quando possível, entre em contato, o mais rápido possível, com as instituições apresentadas no quadro abaixo. Lembre-se de passar a localização do animal e suas condições. Se possível, encaminhe imagens e evite chegar próximo ou tocar o animal. Lembre-se de respeitar os animais e não os incomodar, são animais silvestres e você corre risco de pegar doenças e transmitir para familiares ou seus animais de estimação. Vale lembrar que o transporte de qualquer animal silvestre sem licença de órgãos ambientais é ilegal e crime previsto em lei.

Recomendamos que consulte os guias e imagens dos documentos abaixo para visualizar os animais descritos no texto acima:

REGIÃO

Areias do Albardão: guia ecológico ilustrado do litoral no extremo sul do Brasil, disponível em:
<http://repositorio.furg.br/handle/1/3970>

AVES

Guia Ilustrado de Mamíferos Marinhos do Brasil, disponível em:
<https://ipecpesquisas.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Monteiro-Filho-et-al-2013.pdf>

MAMÍFEROS

Guia Fotográfico: Aves do Litoral do Rio Grande do Sul, disponível em:
<https://www.ufrgs.br/mucin/wp-content/uploads/2018/09/Guia-Aves-do-Litoral-compressed.pdf>

TARTARUGAS

Tartarugas marinhas encontradas no Brasil, disponível em:
<http://www.oads.org.br/files/19.pdf>

INSTITUIÇÕES EM RIO GRANDE

CRAM, Centro de Recuperação de Animas Marinhos
(53) 3232-9107 ou (53) 9 9924-4396
NEMA, Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental
(53) 3236-2420
IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente
(53) 3232-1559
PATRAM, Patrulha Ambiental
(53) 3235-4702
ICMBio - CEPsul Base Avançada RS
(53) 3232-6990
ICMBio - ESEC Taim
(53) 3503-3151

INSTITUIÇÕES EM SANTA VITÓRIA DO PALMAR

EcoMuseu do Balneário Hermenegildo
ONG Instituto Litoral Sul
(53) 9 9923-1486 ou (53) 8123-3386
Departamento e Controle Urbanístico e Ambiental
Unidade de proteção
(53) 9 9932-1101 ou (53) 9932-1101

ESTAÇÃO ECOLÓGICA DO TAIM



Foto Janaína Czulpinski



GRAXAIM-DO-CAMPO
(*Lycalopex gymnocercus*)

A Estação Ecológica do TAIM - ESEC TAIM - é uma Unidade de Conservação (U.C.) de domínio federal localizada no extremo sul do Brasil, estado do Rio Grande do Sul, nos municípios de Santa Vitória do Palmar e Rio Grande. A ESEC TAIM está situada entre o Oceano Atlântico e a Lagoa Mirim, sendo caracterizada por uma ampla planície costeira, tendo como finalidade principal a conservação e preservação da biodiversidade e dos recursos naturais, assim como é um amplo espaço que possibilita o desenvolvimento de estudos e pesquisas de natureza técnico-científicos.

É uma importante área ambiental onde interagem distintos ecossistemas, na qual predominam extensas áreas alagadas de forma permanente ou temporária, destacando um sistema de banhados e lagoas, com áreas campestres, com um amplo sistema de dunas e matas nativas onde habitam uma grande diversidade de espécies da flora e fauna.

A ESEC TAIM é uma área de transição entre o mar e o continente, sendo um ambiente costeiro conformado por diferentes ecossistemas que se inter-relacionam entre si, onde habitam inúmeras espécies da fauna e flora. Os últimos estudos indicam que na UC habitam:



AVES
MAIS DE 220 ESPÉCIES

RÉPTEIS
21 ESPÉCIES

MAMÍFEROS
40 ESPÉCIES

ANFÍBIOS
8 ESPÉCIES

PEIXES
51 ESPÉCIES



CAPIVARA
(*Hydrochoerus hydrochaeris*)



LONTRA-NEOTROPICAL
(*Lontra longicaudis*)



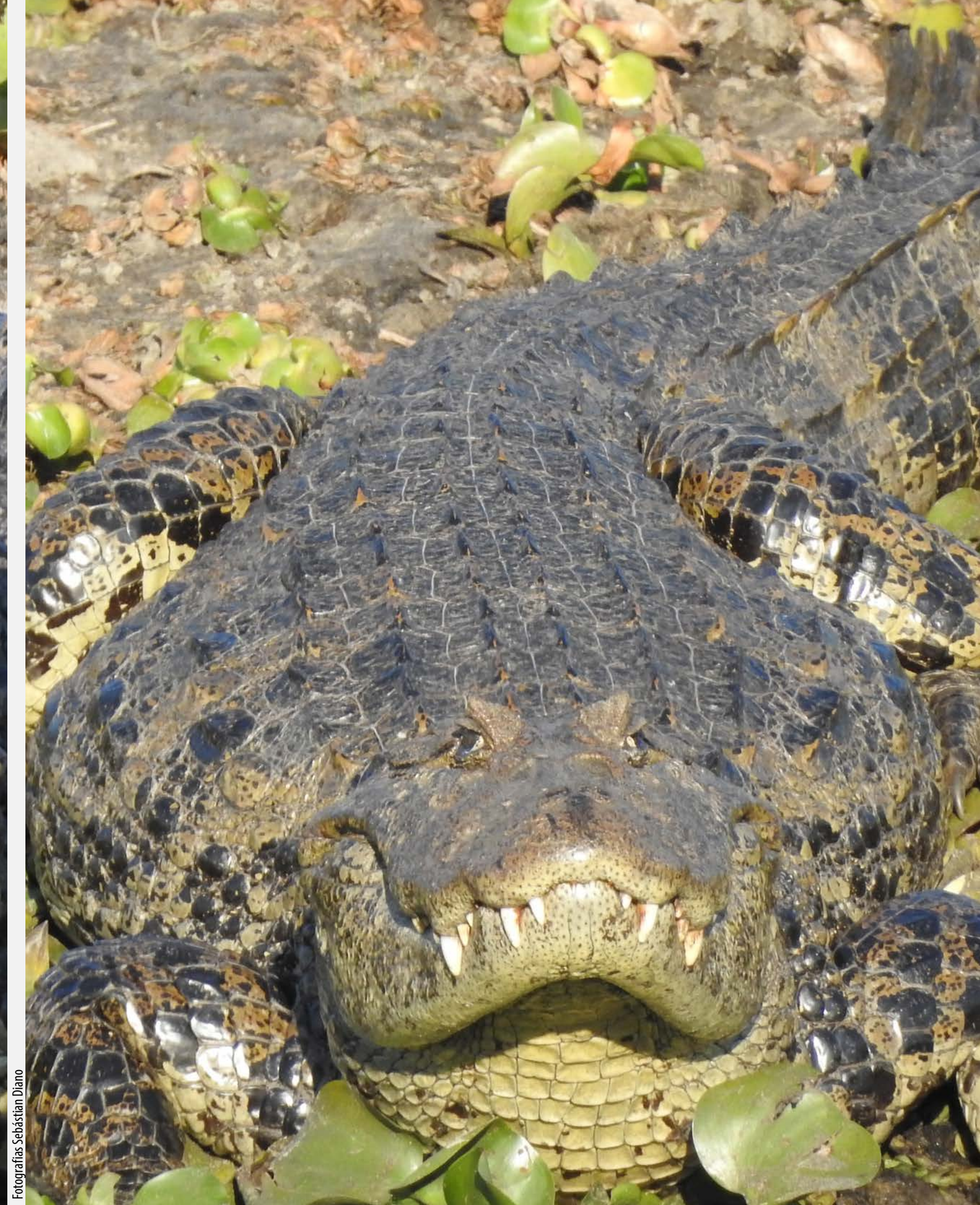
LEBRE
(*Lepus europaeus*)
Espécie Exótica



JACARÉ-DO-PAPO-AMARELO
(*Caiman latirostris*)



JACARÉ-DO-PAPO-AMARELO
(*Caiman latirostris*)



Fotografías Sebastián Diano



CHIMANGO
(*Milvago chimango*)



CURICACA
(*Theristicus caudatus*)



LAGOA MANGUEIRA

A Lagoa Mangueira tem uma área total de 841,8 km². Possui 8,75m de profundidade máxima, sendo a média de profundidade de 3,95m. Seu comprimento é de 99,86 km. Apresenta assimetria biológica ocasionada pela oscilação de margens com cinturões de plantas aquáticas e margem de areia com pouca ou sem vegetação. É o principal elemento hidrográfico contido no Sistema Hidrológico Banhado do Taim.

A água é considerada com dureza moderada de acordo com sua alcalinidade, tem pH próximo a 8 e transparência acima de 1 metro. Sua vegetação natural apresenta plantas emersas, flutuantes e anfíbias. A ocorrência de chuvas aumenta o volume de água, alterando seu nível e suas encostas. Ainda existe a ação dos ventos deslocando as dunas móveis sobre ela.

O local é rico em fauna podendo ocorrer peixes como a Traíra (*Hoplias malabaricus*), o Cará, entre outros. Anfíbios como sapos e répteis como cobras e Jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*). Aves como Tachã (*Chauna torquata*), João-Grande (*Ciconia maguari*), Cisne-de-pescoço-preto (*Cygnus melancoryphus*), Gaivotão (*Larus dominicanus*), entre outros. E mamíferos como Tuco-tuco (*Ctenomys ibicuiensis*), Capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*) e Gambá (*Didelphis albiventris*), são alguns dos representantes da fauna local e migratória.

PALEONTOLOGIA



Foto Sebastián Diano



Foto Fernando Souza

Há milhares de anos, a Terra passou por um período glacial, com expansão do gelo pelo continente e o nível do oceano era 130 metros abaixo do que é hoje. No Rio Grande do Sul, a praia oceânica estava situada a mais de 100 quilômetros a leste de onde se encontra hoje. No fim do período glacial, há aproximadamente 18 mil anos, o nível dos oceanos começou a subir devido ao derretimento do gelo. O oceano atingiu um nível máximo até 2,5 metros acima do atual, a cerca de 5-6 mil anos atrás, progressivamente diminuindo até chegar ao nível presente.

A areia trazida pelas ondas e correntes marinhas ao longo dos últimos 5 mil anos, transportada pelos ventos de sul e nordeste, acumulou-se sobre a faixa litorânea localizada entre a beira do mar e a Lagoa Mangueira, formando o campo de dunas do Albardão, que se estende por mais de 80 quilômetros e inclui dunas que atingem mais de 20 metros de altura.



Além das formações geológicas, a costa também guarda registros do passado na forma de fósseis de animais que viveram há milhares de anos, que costumam aparecer nas areias do litoral depositados pelas ondas como depósitos de conchas fósseis, conhecidos localmente como “Concheiros”. Além de conchas, costumam aparecer fósseis de grandes mamíferos extintos que viviam na região, conhecidos como Megafauna, que incluía preguiças e tatus gigantes, felinos dentes-de-sabre, entre outros. Os fósseis são considerados patrimônio natural, protegidos por lei e devem ser preservados em instituições oficialmente reconhecidas como os Museus.



Foto Renato P. Lopes



Você consegue conhecer alguns dos fósseis reais em exposição e o período compreendido da megafauna no Museu Coronel Tancredo Fernandes de Mello

Rua Barão do Rio Branco, Nº467

(<https://goo.gl/maps/3Mie3DwmsEAAhdjA7>),

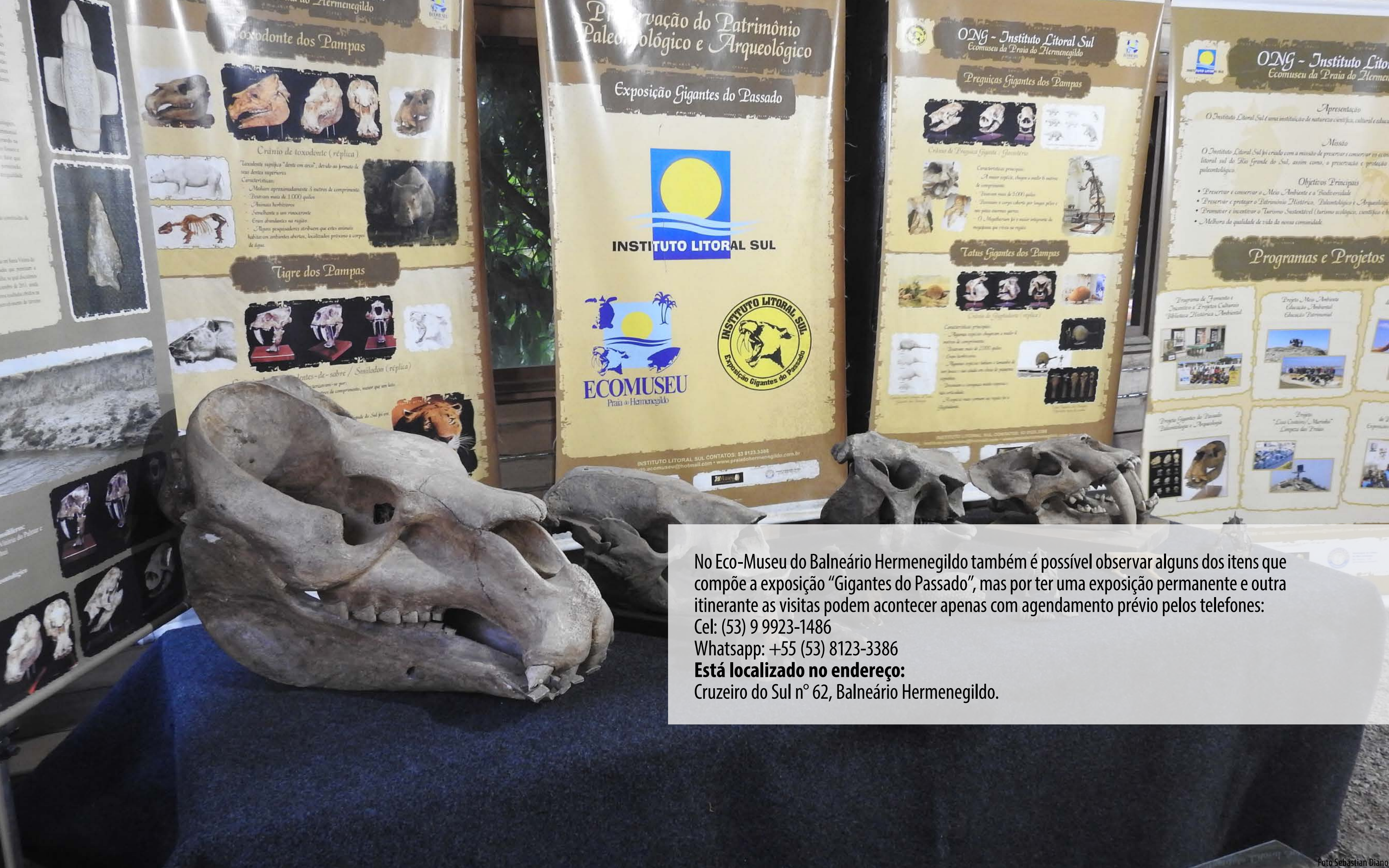
Contatos para agendamento e demais informações:

(53) 3263-3534

(53) 9 9967-7757, Jamil Pereira.



Você consegue conhecer alguns dos fósseis reais em exposição e o período compreendido da megafauna no Museu de Paleontologia Mário Costa Barberena localizado no endereço:
Porto Santa Vitória do Palmar
(<https://goo.gl/maps/hQMGQEwM1kCgcBaw8>).



Toxodonte dos Pampas



Crânio de toxodonte (réplica)

Toxodonte significa "dente em arco", devido ao formato de seus dentes superiores.

- Características:
- Mediam aproximadamente 3 metros de comprimento.
 - Pesavam mais de 1.000 quilos.
 - Animais herbívoros.
 - Semelhante a um rinoceronte.
 - Foram abundantes na região.
 - Alguns pesquisadores atribuem que estes animais habitavam ambientes abertos, localizados próximo a corpos de água.

Tigre dos Pampas



Dentes-de-sabre / Smilodon (réplica)

Características:

- Os dentes-de-sabre são os maiores dentes de comprimento, maior que um dedo.

Preservação do Patrimônio Paleontológico e Arqueológico

Exposição Gigantes do Passado



INSTITUTO LITORAL SUL



INSTITUTO LITORAL SUL CONTATOS: 53 8123.3386
e-mail: acemuseu@hotmail.com • www.praiahermenegildo.com.br

ONG - Instituto Litoral Sul Ecomuseu da Praia do Hermenegildo

Preguiças Gigantes dos Pampas



Crânio de Preguiça Gigante - Glacidônio

Características principais:

- A maior espécie, chegou a medir 6 metros de comprimento.
- Pesavam mais de 5.000 quilos.
- Possuíam o corpo coberto por longa pelagem e sua pele durava por anos.
- O Megatherium foi o maior integrante da megafauna que viveu na região.

Tatus Gigantes dos Pampas



Crânio de Glyptodontes (réplica)

Características principais:

- Espécies extintas, chegaram a medir 6 metros de comprimento.
- Pesavam mais de 2.000 quilos.
- Eram herbívoros.
- Possuíam o corpo coberto por uma camada de ossos que formava uma armadura de proteção.
- Eram encontrados em regiões de clima quente.

ONG - Instituto Litoral Sul Ecomuseu da Praia do Hermenegildo

Apresentação

O Instituto Litoral Sul é uma instituição de natureza científica, cultural e educacional.

Missão

O Instituto Litoral Sul foi criado com a missão de preservar e conservar o litoral sul do Rio Grande do Sul, assim como, a preservação e proteção paleontológica.

Objetivos Principais

- Preservar e conservar o Meio Ambiente e a Biodiversidade.
- Preservar e proteger o Patrimônio Histórico, Paleontológico e Arqueológico.
- Promover e incentivar o Turismo Sustentável (turismo ecológico, científico e histórico).
- Melhorar a qualidade de vida da nossa comunidade.

Programas e Projetos

Programa de Fomento e Incentivo a Projetos Culturais e Históricos Ambientais



Projeto Meio Ambiente Educação Ambiental Educando Patrimônio



Projeto Gigantes do Passado Paleontológico e Arqueológico



Projeto "Linha Costeira / Litoral" Empresa das Praias



No Eco-Museu do Balneário Hermenegildo também é possível observar alguns dos itens que compõe a exposição "Gigantes do Passado", mas por ter uma exposição permanente e outra itinerante as visitas podem acontecer apenas com agendamento prévio pelos telefones:

Cel: (53) 9 9923-1486

Whatsapp: +55 (53) 8123-3386

Está localizado no endereço:

Cruzeiro do Sul nº 62, Balneário Hermenegildo.



souza neto



Foto Janaína Czolpinski

Os faróis foram criados para orientar os marinheiros a noite sobre a distância que estavam da terra, de forma que não colidissem e naufragassem por acidente. Os primeiros faróis foram fogueiras em elevações rochosas, há registros dos primeiros faróis a III antes de Cristo.

Nos 223 km de Trilha Cassino-Barra do Chuí estão presentes três faróis e um farolete, que tornam a Trilha ainda mais interessante. A diferença entre farol e farolete está em seu alcance. Os faroletes possuem alcance inferior a 10 milhas náuticas, enquanto o alcance dos faróis é igual ou superior a essa medida.

Os três faróis, Sarita, Albardão, Barra do Chuí, fizeram parte de um projeto de iluminação do extremo sul do Brasil, já que, antes disso, a região apresentava a média de um naufrágio por ano. Todos os faróis foram construídos pelo mecânico Alfredo Kurt Schultze.

No sentido norte-sul da Trilha Cassino-Barra do Chuí, eles aparecem na seguinte ordem: Farol Sarita, Farolete Verga, Farol do Albardão e Farol da Barra do Chuí. Todos localizados na área do município de Santa Vitória do Palmar. Sendo um ícone da Trilha, o Farol do Albardão inspirou a pegada de sinalização da Trilha com base na sinalização da Rede Brasileira de Trilhas.

FAROL SARITA



O Farol Sarita foi inaugurado em 12 de outubro de 1909, leva o nome de um navio naufragado no local. A primeira construção foi tipo “Mitchell” da marca BBT, com 26 metros de altura, equipada com um aparelho de luz dióptrico de 4ª ordem, com alcance de 15 milhas. Devido ao primeiro exemplar ter sido construído em ferro e a exposição ao clima e a maresia, parte da estrutura do Farol foi corroída pela ferrugem. Assim, em 1929, sua estrutura corroída foi substituída por uma torre metálica da marca sueca AGA com sistema luminoso automático a gás acetileno. Apenas no ano de 1952 foi inaugurada a torre de alvenaria, 11 metros mais alta que a anterior e equipada com um aparelho BBT de 3ª ordem. Hoje opera com uma lanterna de acrílico.



O Farolete Verga tem 11 metros de altura, construído em 1964, é totalmente automático. Localizado a 106 km dos Molhes da Barra do Rio Grande, está a 40 km do Farol da Sarita e possui alcance luminoso de 11 metros.

FAROLETE VERGA

A tall, cylindrical lighthouse with a white base and black diamond-shaped patterns. The top section is white with a glass-enclosed lantern room. The lighthouse stands on a sandy beach with several small, white, single-story buildings with red-tiled roofs. The sky is a mix of blue and orange, indicating sunset or sunrise. The title 'FAROL DO ALBARDÃO' is overlaid in large, bold, yellow letters.

FAROL DO ALBARDÃO

O Farol do Albardão foi inaugurado em 3 de maio de 1909, o primeiro dos faróis que compreendem a costa da Barra do Rio Grande a Barra do Chuí. Seu primeiro exemplar tinha 35 metros, e era equipado com um aparelho de 3ª ordem com alcance de 18 milhas. Substituído, em 1949, pela construtora Christiani-Nielsen através do projeto de Ernst Schaffer, por uma estrutura com 44 metros de altura em concreto. Em 1986, passou a ser alimentado por um gerador.

“Em janeiro de 1948 recebi da CN Rio a incumbência de viajar para o Rio Grande do Sul para construir no litoral em Albardão (localizado entre Rio Grande e o Uruguai) um farol com 45 metros de altura junto com 4 casas para o vigia e familiares {...}, o local considerado “Cemitério dos Navegantes” teve 33 naufrágios nos últimos 40 anos. - Por Ernst Schaffer, engenheiro da Construtora Christiani-Nielsen, publicado na edição de agosto de 1949 da revista CN Post (publicação interna da construtora).



FAROL DA BARRA DO CHUÍ

O Farol da Barra do Chuí, fundado em 1910, se situa as margens do Arroio Chuí, divisa marinha entre Brasil e Uruguai, no município de Santa Vitória do Palmar, no extremo sul do Brasil. O Farol tem 42 metros de altura, em 1949, a torre troncônica em concreto substituiu a antiga estrutura. É considerado o Farol mais avançado do Brasil, possui iluminação automática e rádio farol com alcance de 30 milhas.

NAUFRÁGIOS



Foto Sebastián Diano



Foto Acervo Lauro Calliari

A região costeira da Trilha Cassino-Barra do Chuí também ficou conhecida por seus inúmeros naufrágios, com destaque para a região do Albardão e suas histórias de naufrágios misteriosos. São histórias de piratas, desbravadores, saqueadores e nativos, o que atribui a esta Trilha uma atmosfera singular. Ganham destaque, os naufrágios do Navio Altair, Prince of Wales e da Expedição de Martim Afonso de Souza, que deixaram sua marca na história náutica.

Navio altair

O mais famoso naufrágio do trajeto da Trilha é o do Navio Altair, ocorrido em junho de 1976. Após naufragar, o navio foi impulsionado para a linha da Praia do Cassino, afastando-se da Barra do Rio Grande. Hoje é ponto de referência para surfistas, pescadores, turistas e caminhantes, inclusive daqueles que se aventuram a fazer a trilha Cassino- Barra do Chuí. Virou, também, inspiração para pinturas artísticas, letras de música e cenário para fotos. Faz parte dos inúmeros atrativos da cidade do Rio Grande, compondo a cena praieira juntamente com a obra de engenharia oceânica Molhes da Barra e a Estátua de Iemanjá. O Navio situa-se a cerca de 12 km da Estátua, no sentido meridional.

Os registros históricos relatam que o Navio estava carregado de trigo, afundado fisicamente, mas emergindo literal e simbolicamente, ressignificado ao longo do tempo por quem o adotou como ponto de recreação e lazer. Para quem está iniciando a trilha rumo à Barra do Chuí, o navio sinaliza um longo caminho à frente a ser trilhado e, para os que partem no sentido inverso, indica que o fim da caminhada se aproxima.

Registros da época, e relatos de memória atuais, indicam os motivos de naufrágio do Navio Altair, o trecho do Anuário de Jurisprudência de 1978, apresenta alguns detalhes do encalhe:

“No dia 5, o vento aumentou de intensidade e rondou para E; o mar também engrossou e as ondas passaram a invadir o convés de proa, por BE, quebrando sobre as escotilhas e provocando balanços de até 20 graus. As 20 horas do mesmo dia, já então com vento e mar 8 na escala Beau fort, o Comandante resolveu colocar o navio em capa, navegando com marcha reduzida. Nesta ocasião, a visibilidade era nula, e caía forte chuva. Dia 6, a 01 hora, o Comandante resolveu correr com o tempo, por causa das avarias na escada de portaló de BE, nos cilindros de gás de cozinha e sua canalização, impedindo o funcionamento do fogão, no pau de carga, nas tampas dos suspiros dos tanques de lastro, permitindo a penetração de água, e destruição da balsa Salva Vidas. A partir desse momento, o navio adernou para BB. Ao amanhecer, do dia 6, o navio já estava com o adernamento bem acentuado e o tempo continuava ruim.”

O documento, carregado de linguagem técnica, permite um imaginário do ocorrido naqueles dias, que resultou na tomada de decisão do Comandante de retirar sua tripulação em segurança. Dois hotéis da cidade serviram de hospedagem. A carga, invadida pela água, não pode ser recuperada.

A atividade da pesca esportiva e profissional, acontece nas imediações do Altair. Os relatos de memória do pescador Tuca e Beto Trovão apresentam informações sobre o naufrágio respectivamente,

Tuca: “Aí passou-se, esse navio deve ter ficado na praia um... uns 3 meses. Que quando encostou na praia, ele encostou com a proa pro lado de Santa Vitória e a popa pro lado dos molhes, paralelo, ele ficou paralelo a praia. E ficou tanto tempo na praia que ele foi, cada vez que dava represa ou que dava vento sul, o vento ia enchendo a praia e ele flutuava dentro dum buraco (..)”.

Beto Trovão: “Hoje ele tá... hoje ele tá na beira da praia, né? Todo mundo vai lá ver o navio, sobre o navio da praia do Cassino, é muito bonito aquilo ali. Ficou um troço, os veranista, muita gente vai lá ver o navio Altair, tiram foto. Até agora, a semana passada eu vi ali, tava tirando até foto de uma noiva ali. É, tavam tirando foto de uma noiva no meio do navio ali. Achei muito bonito aquilo ali, sabes? Mas seria mais bonito se ele tivesse mais inteiro pra fazer aquilo ali também. Ah é.”

Trata-se de um cenário estético único, onde a natureza se perde ao horizonte, destinos aos que buscam aventura, introspecção, desprendimento, contato com a natureza e interação humana. Esse ambiente singular, por vezes predominado pelos ventos, com temperaturas extremas da areia, calor e frio, que pelo movimento das marés influencia a perspectiva sobre o Navio Altair, corroído pela ferrugem, nos faz pensar no tempo e em como devemos desfrutar da vida.

09 | Naufrágios

Acompanhe um trecho de música escrita por Luis Mauro Vianna e Gilberto Oliveira, inspirado em frente ao imponente e sempre marcante Navio Altair!

(...)

O meu navio

Navega no teu coração

Marés que vem, marés que vão

O meu amor canto por ti

Para te encontrar

Meu doce lar

Meu litoral

O canto do mar

O encanto do sol

Sereia das lendas

Louca imensidão

(...)

Prince of Wales

Em julho de 1861, naufragou, na costa do Albardão, o navio inglês “Prince of Wales”, causando um incidente diplomático entre Brasil e Inglaterra, que levou ao rompimento das relações entre os dois países. O embaixador inglês William Dougal Christie denunciou em nível internacional o saque do navio, a ocorrência de assassinatos, procedimentos selvagens e perversos dos nativos.

Expedição de Martim Afonso de Souza

Próximo à desembocadura do Arroio Chuí, no ano de 1530, houve um naufrágio da expedição de Martim Afonso de Souza. Sobreviveram apenas cavalos mestiços andaluzes espanhóis, que hoje fazem parte do pampa, dando origem a uma linhagem premiada de cavalos.

HOTÉIS ABANDONADOS

Foto Sebastián Diano

Hotéis Abandonados

A história dessa Trilha sempre esteve relacionada com as variações das marés e condições climáticas, interferindo diretamente nas condições de tráfego pela região costeira. Esse fator gerou inúmeras histórias da costa do Cassino-Barra do Chuí, dentre elas, a construção de hotéis em meio às dunas para atender os viajantes, que hoje encontram-se soterrados pelas areias móveis das dunas.



HOTEL EL ADUAR

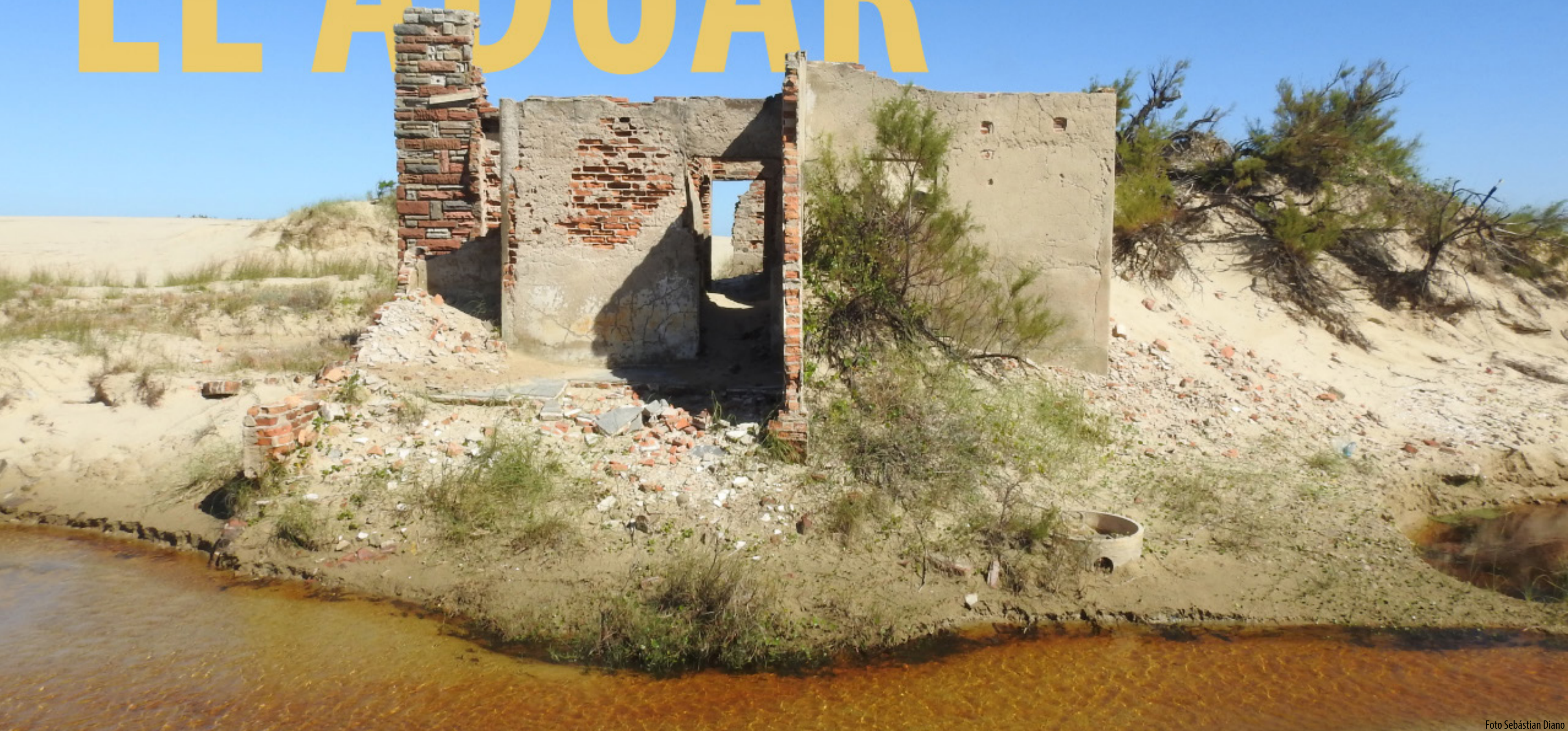




Foto Sebastián Diano

As primeiras décadas dos anos 1900 foram marcadas pela efervescência cultural e econômica do município do Rio Grande. A planejada estação balneária do Cassino recebe turistas do interior do estado do Rio Grande do Sul e de outras localidades do Brasil, sendo este um período de desenvolvimento, marcado pela especulação imobiliária em torno do Balneário. Esse cenário contribuiu para que entre o final da década de 40 e início dos anos 1950 fosse inaugurado o Hotel El Aduar, com a finalidade de atender viajantes do trajeto Cassino-Barra do Chuí. Cabe ressaltar que, neste período, o acesso a cidade de Santa Vitória do Palmar era realizado pela costa ou pela Lagoa Mangueira.



Foto Sebastián Diano

O Hotel servia como um ponto de referência desse trajeto, o qual poderia durar dias, mediante as condições de tráfego da costa atlântica, que ainda hoje pode surpreender os que caminham por ela. Porém, sua localização entre as dunas e a redução drástica do tráfego pela região costeira depois da construção da BR-471 em meados de 1950, fazendo com que Santa Vitória do Palmar e o país vizinho Uruguai tivesse acesso rodoviário ao resto do país, tornou inviável a manutenção do Hotel. Hoje, as ruínas do Hotel abandonado são ponto de referência para os caminhantes e curiosos que visitam a região.



HOTEL FRONTEIRA ABERTA



Hotel em 2014

Foto Sebastián Diano

Entre as décadas de 1940 e 1950, em Santa Vitória do Palmar, aconteceu um fenômeno de especulação imobiliária, em que um consórcio formado por empresários brasileiros e uruguaios loteou a região costeira do município até o balneário Albardão, formando parte dos diversos balneários que o município possui.

Com escassas formas de acessar o restante do país e somado ao desenvolvimento dos transportes, no extremo sul do Brasil cresce o número de viagens pela costa atlântica. Neste balneário do município de Santa Vitória do Palmar chamado Fronteira Aberta, até hoje praticamente inóspito, em meados da década de 1940, instalou-se um hotel de mesmo nome.



Hotel em 2021

Foto Sebastián Diano

O hotel servia de parada para atender os viajantes que precisavam acessar o restante do Brasil pela cidade de Rio Grande ou no sentido contrário chegar ao extremo sul do país até mesmo ao Uruguai.

Com a abertura da BR-471, em meados da década de 1950, a rota deixou de ser utilizada e com o avançar das areias, hoje o hotel está abandonado, em ruínas, e tomado pelas areias. Localizado próximo ao balneário Hermenegildo, ainda hoje o Hotel serve como ponto de referência para os que fazem a Trilha.

Transporte Público Municipal via Costa Atlântica



Fotos sem autoria definida | Grupo no Facebook "e porque sou mais Santa Vitória?"



O trecho hoje percorrido por caminhantes, ciclistas, motociclistas, jipeiros, aventureiros, pesquisadores e curiosos, foi por muitos anos uma das poucas formas de acesso entre o município de Santa Vitória do Palmar e o restante do Brasil. Santa Vitória do Palmar dispunha de uma linha de ônibus intermunicipal. Esta era operada semanalmente, partia da Barra do Chuí até o balneário Cassino, pela costa atlântica, até 1930.

ASPECTOS SOCIOCULTURAIS



Foto Janaina Czulpinski

Balneários

Nesta extensa linha costeira litorânea com cerca de 223km, encontramos balneários pertencentes aos municípios de Rio Grande e de Santa Vitória do Palmar. Há aproximadamente 30 balneários em sua maioria inabitáveis. Os mais conhecidos são os balneários Hermenegildo, Barra do Chuí e Cassino, os dois primeiros se localizam no extremo sul e se configuraram como balneário em meados de 1880.

No Balneário Hermenegildo, a ocupação iniciou por volta de 1880, com acampamentos temporários que passaram a ser substituídos por construções simples de madeira, sendo a maior parte das casas construída próxima da linha de costa e nas zonas baixas e alagadiças à beira de um sangradouro (KOERNER, 2012). O local foi estabelecido em função da passagem ao sul da Lagoa Mangueira que ligava Santa Vitória do Palmar ao Oceano Atlântico.

O balneário Cassino, no município do Rio Grande foi inaugurado no ano de 1890 com o nome de Villa Sequeira. Foi planejado turisticamente para ser uma estação balnear permeada pela tendência médico-terapeuta dos banhos marinhos, se aproximando dos padrões do balneário francês Diepp. Em sua fundação, a estação balnear tinha como acesso uma linha férrea exclusiva, com infraestrutura de praia completa, planejada para atender aos banhistas. Além de recepcionar hóspedes do renomado Hotel Cassino, localizado na avenida principal do balneário. A influência deste Hotel atribuiu o nome de balneário Cassino, anos mais tarde.



Foto Luísa Catarino

Campos Neutrais

Através do tratado entre as coroas de Portugal e da Espanha, no ano de 1777, durante o período do Brasil Colonial, Campos Neutrais foi a denominação da faixa de terra desabitada, hoje região conhecida como Santa Vitória do Palmar. Pelo Tratado as terras entre a Lagoa Mangureira, Lagoa Mirim e o litoral atlântico eram designados um campo neutro, de modo que os territórios não poderiam ser ocupados por nenhuma das duas nações até as concessões das sesmarias miscigenadas entre portugueses, índios, espanhóis e negros, recebendo mais tarde imigrantes italianos, japoneses e holandeses.

Como curiosidade, atualmente está em funcionamento nesta região o Complexo Eólico dos Campos Neutrais, que reúne três grandes parques: Geribatu, Chuí e Hermenegildo, que somam 583 megawatts (MW) por meio de mais de 400 aerogeradores espalhados pelo território, considerado o maior complexo eólico da América Latina.

Foto Luísa Catarino



Mergulhão

Mergulhão é o nome dado a quem nasceu em Santa Vitória do Palmar, nome que surgiu curiosamente da sua própria história. Os colonizadores desenvolveram um sistema de autoproteção para suas propriedades, sumindo nos banhados ao perceberem qualquer aproximação. Após o reconhecimento e identificação dos que se aproximavam, os moradores mais velhos apareciam para recepcionar os visitantes. Isso protegia os jovens de serem levados à força para integrar o exército da Coroa e protegia as casas de saques.

Tal costume era assemelhado ao da ave “mergulhão”, um pássaro comum na região, que mergulha ao perceber aproximação. A semelhança no comportamento atribuiu o gentílico “Mergulhão” a todo cidadão nascido na cidade.

Papa-areia

Papa-areia é a alcunha dada pelos pelotenses aos que nascem em Rio Grande, cidade inserida no estuário da Lagoa dos Patos. A expressão está historicamente relacionada à cultura gaúcha da lida campeira. Em Rio Grande as características do pampa se diferenciam das demais regiões do estado do Rio Grande do Sul, pois aqui as pastagens terminam junto às dunas à beira mar, atribuindo aos gaúchos daqui o privilégio de tocar a boiada na praia, singularidade que contribuiu para a atribuição do gentílico papa-areia.

Esse apelido bicentenário, há muitos não soava amigavelmente, porém com o passar do tempo, a expressão passa a ser entendida em um sentido de amplitude, liberdade e remetida aos ventos tão presentes na cidade plana, úmida e arenosa.



Lendas e Histórias

PIRATAS DOS CAMPOS NEUTRAIS

Reza a lenda que, a fim de atrair as embarcações que navegavam próximo da costa, os piratas de forma ágil ateavam fogo nos chifres do boi, que pareciam formar uma imagem de bola de fogo na tentativa de imitar o sinal luminoso dos faróis. Assim, ao encalhar, os piratas saqueavam a carga da embarcação.

Os piratas também atuavam em terra roubando o gado, no trecho litorâneo que por vezes era utilizado para descanso e transposição do gado. Há uma estância localizada ao norte da Lagoa Mangueira que era utilizada como refúgio dos piratas, resquícios desta história.

MARÉ VERMELHA

Em 1971, ocorreu o naufrágio do Navio Taquari, em Cabo Polônio-Uruguai, e grande parte da carga ficou presa no navio. Após um forte temporal, em 1978, a embarcação se partiu e ocasionou o derramamento da carga, que se estendeu pelos balneários vizinhos uruguaios e brasileiro, ocasionando e deixando a marca de “Maré Vermelha”.

Existem diferentes versões sobre o caso, mas com a coleta e análise da água os cientistas conseguiram identificar que o Navio Taquari estaria transportando herbicida e outros componentes químicos, ocasionando este desastre ambiental. Os militares, que governavam o Brasil na época, insistiram na hipótese de o acontecimento ser um fenômeno natural.

O LUGAR ONDE SE FORMAM OS VENTOS

Um argentino, morador do Balneário Hermenegildo e proprietário do antigo Hotel Miramar, era conhecido por ser um dos maiores nadadores da região. Corriqueiramente, fazia todo o trecho do Hermenegildo à Barra do Chuí. Em um determinado dia, despediu-se de seus entes queridos e comunicou que passaria muitos dias nadando rumo a sudeste, por aproximadamente 200 km, em direção ao local onde se formam os ventos, em uma zona de redemoinhos e constantes nuvens. Esta história ainda é contada por muitos a seus filhos, alertando sobre o lugar onde se formam os ventos do Hermenegildo.



Foto Janaina Czolpinski

Os Astros e suas Histórias

Em todo o trecho da Trilha, em noites de céu aberto, a observação dos astros e estrelas é uma experiência à parte para quem vive ou quem anda por este caminho. Alguns fenômenos naturais notáveis podem surpreender os que por aqui passam, tais como a bioluminescência (ondas que brilham na coloração azul neon causada por organismos marinhos), o nascer e pôr do sol, geadas, estrelas e constelações, entre outros. São inúmeros os relatos de avistamentos dos astros em noites estreladas, e um dele até virou lenda no balneário Hermenegildo. Numa noite de céu estrelado, com pouco vento, alguns moradores avistaram uma bola de fogo caindo do céu, seguido de um grande estrondo. Dizem que naquela noite caiu um extraterrestre, e que na queda o que restou foi sua cabeça petrificada.

FRONTEIRA



Foto Sebastián Diano

12 | Fronteira

Os molhes que direcionam as águas do Arroio Chuí para o Oceano Atlântico foram construídos para fixar a fronteira litorânea entre o Brasil e o Uruguai. Sua construção teve início em 1975 e foi finalizada no ano de 1978, contribuindo para a fixação do limite territorial entre os dois países.

O Arroio Chuí faz parte da Bacia Hidrográfica da Lagoa Mirim e do Canal São Gonçalo. Nasce a partir do banhado Canelões, que passa por um sistema de drenagem localizado exclusivamente na zona costeira, ao sul do banhado do Taim. E, segue quase paralelo à costa no sentido sul, até o Balneário Barra do Chuí, no município de Santa Vitória do Palmar, onde deságua no Oceano Atlântico. Por isso, a comunidade local costuma dizer de forma alegre que: “O Brasil começa aqui!”







Foto Sebastián Diano

ONG - Instituto Litoral Sul

A ONG – Instituto Litoral Sul é uma instituição de natureza científica, cultural e educacional, sem fins lucrativos, com personalidade jurídica própria, de direito privado, cujas atividades iniciaram em dezembro de 1995, sendo constituída legalmente em 2004. A sede do Instituto está localizada na Rua Cruzeiro do Sul nº 62, Balneário Hermenegildo, litoral do extremo sul do Rio Grande do Sul.

O Instituto Litoral Sul tem como missão conservar e preservar a biodiversidade, os ecossistemas, o patrimônio cultural, histórico, arqueológico, paleontológico e paisagístico do extremo sul do Rio Grande do Sul.

Principais áreas de atuação, projetos e programas do Instituto Litoral Sul:

Fomento e incentivo de Projetos Culturais.

Educação ambiental e patrimonial.

Monitoramento Costeiro.

Biodiversidade - Resgate e recuperação de animais marinhos/costeiros.

Projeto Gigantes do Passado – Patrimônio paleontológico e arqueológico.

Ecoturismo - Turismo sustentável.

Projeto Lixo Marinho/Costeiro.



Foto Sebastián Diano



Foto Sebastián Diano



Foto Sebastián Diano

ACOSTA, E. A. *Cavalos: uma paixão além do tempo*. Santa Vitória do Palmar: [S.e.], [S.a.].

A HISTÓRIA dos Faróis e da Sinalização Náutica. Disponível em: <https://farol1.blogspot.com/2011/05/historia-dos-farois-e-da-sinalizacao.html>. Acesso em: 26 jul. 2021.

AMARAL, A. F. *Da Coxilha do Palmar de Lemons à cidade de Santa Vitória do Palmar*. Porto Alegre: Pacartes, 2008.

AZAMBUJA, Péricles. *Tahim - A Última Divisa: geografia e história de uma região*. Santa Vitória do Palmar: Polygraph Serigrafia, 1978.

_____. *Santa Vitória: um município do Prata*. Santa Vitória do Palmar: Gráfica Jerivaçu, 1992.

_____. *Os Campos Neutrais*. Santa Vitória do Palmar: [S.e.], [S.a.]. AZAMBUJA, P. História das Terras e Mares do Chuí. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1978.

ECHO DO SUL, Jornal. S. p. Ed. Fev. 1890.

ENKE, Rebecca Guimarães. *O espetáculo do mar em uma estação balneária no Rio Grande do Sul: a vilegiatura marítima na Villa Sequeira/Praia do Cassino (1885-1960)*. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FABRICANTES clássicos. Disponível em: <http://faroisbrasil.com.br/educacional/fabricantes3.html>. Acesso em: 27 jul. 2021.

FARHERR, R. M.; FERREIRA, G. *Antrópico ou natural? Uma reflexão a partir dos discursos naturalistas produzidos sobre o caso de contaminação costeiro-marítima do Balneário Hermenegildo*. RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 4, 2018.

GONÇALVES, S. G. *Chuí: A última saga*. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2002.

KOERNER, Karl Franz. *Alternativas de manejo para o problema da erosão costeira no balneário do Hermenegildo, Rio Grande do Sul*. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento Costeiro da Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2012. 156p. Disponível em: <https://gerenciamentocosteiro.furg.br/images/dissertacoes/012-Karl-Franz-Koerner.pdf>. Acesso em maio de 2021.

LOPES, R.P.; UGRI, A.; BUCHMANN, F.S.C. *Dunas do Albardão, RS: Bela paisagem eólica no extremo sul da costa brasileira*. In: WINGE, M. (Ed.). 2008. Sítios geológicos e paleontológicos do Brasil. Brasília: CPRM, 2. ed., v. 2, p. 131-140, 2008.

Martins, L.R., Arienti, L.M., Moura, Y.A., Santos, N.M., 1985a. *Contribuição ao estudo da borda da plataforma continental do Rio Grande do Sul*. Pesquisas em Geociências, 17: 24–44.

NAVIO ALTAIR. Disponível em: <https://historiaehistoriografiadores.blogspot.com/search?q=navio+altair>. Acesso em: 21 jul. 2021.

O DIÁRIO DE RIO GRANDE, Jornal. S. p. Ed. Mai, 1885.

PEREIRA, Alice. *Guia fotográfico: aves do Rio Grande do Sul*. Imbé: RS, 2018.

RODRIGUES, H. S. V. *Recado aos mergulhões: a evolução da história dos Campos Neutrais – Santa Vitória do Palmar e Chuí*. Santa Vitória do Palmar: [S.e.], 2010.

SANTA VITÓRIA DO PALMAR. *Mapa do município de Santa Vitória do Palmar*. Secretaria de Planejamento e Orçamento. Prefeitura Municipal de Santa Vitória do Palmar. Digitalizado em 2012.

SCHAFER, Alois Eduard. *Atlas socioambiental: municípios de Mostardas, Tavares, São Jose do Norte e Santa Vitória do Palmar*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2009.

SEELIGER, Ulrich. *Areias do Albardão: um guia ecológico ilustrado no extremo sul do Brasil*. Rio Grande: Ecoscientia, 2004.

SFREDO, Giuliana Andréia. *Variabilidade temporal da desembocadura do Arroio Chuí pela fixação através de molhes*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul Instituto De Geociências Programa De Pós-Graduação Em Geociências. Porto Alegre, 2017. 64p. <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/153375/001015542.pdf?sequence=1>. Acesso em maio de 2021.

SILVA, Susana Nóbrega dos Santos da. *Navio Altair: história, memória e narrativas*. 2018. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2018.

VIANNA, Luís Mauro; OLIVEIRA, Gilberto. *Lírica Poesia Para Uma Pequena Sereia*. Rio Grande: Banda Gatos de Praia, 1995. Música. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luis-mauro-vianna/lirica-poesia-para-uma-pequena-sereia/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

REFERÊNCIAS

